



Editorial

Quebrar, ou juntar, para prosseguir

Romper, o juntar, para proseguir

Break, or join, to proceed

Luiz Recaman

*Professor Livre-docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
recaman@usp.br*

*[...] Paredão de umidade e sombra,
sem uma fresta para a vida.
A canivete perfurá-lo,
a unha, a dente, a bofetão?
Se do outro lado existe apenas
outro, mais outro, paredão? [...] Paredão
(Carlos Drummond de Andrade, 2017, p.16)*

Este número da Revista *ARA FAUUSP* tem especial significação, já que foi planejado e realizado durante 2020. O ano que mudou as nossas vidas; foi quando um mundo global normalmente volátil se tornou uma realidade próxima, corporal. Nada mais apropriado, então, que as palavras-provocações da chamada aberta realizada para este número: *experiência, sintoma, fresta*.

Tem sido no domínio das pequenas totalizações que produzimos uma vida dotada de alguma significação e que arranhe as frestas de algo que se nos sobrepõe, duro, lógico, coerente, bárbaro. A isso, alguma coisa escapa. A ação da vida e da arte, na estranha sobreposição de ambas na contemporaneidade, produz divergências, alteridades e imprevistos. Tentar compreender e absorver esses atos e formas que acontecem, tem guiado os métodos críticos há algum tempo.

Contudo, consideremos as dimensões que dão sustentação a essa tática renovada de enfrentamento: a individualidade, a materialidade e as representações; conquanto naveguemos em um mar de alienação, inautenticidade e enganos - no qual não é

fácil encontrar o viver poético, o gesto que contenha uma ameaça de liberdade, uma *fresta*. A ilusão racionalizadora que tornara essas dimensões estanques deve ser superada em direção a uma cautelosa, mas afetuosa, aproximação; uma presença. Esse "resto" necessário daquilo que não pôde ser inteiramente configurado deve ser lido, ainda que nunca tenha sido escrito - assim falavam "Benjamin e os anjos" (Silva, Papini et Moschen).

As *imagens* produzidas por nosso mundo *cultural* e produtivo afastam a realidade de nós mesmos; ao invés de, ao figurá-la e interpretá-la, aproximar indivíduos e seu mundo exterior (a natureza, a cidade). Faz parte das inquietações desta revista discutir, problematizar e tensionar as imagens e as formas visuais artísticas, pois estas contêm muitos "restos". Ao serem artisticamente realizadas - e por isso mesmo - contêm, em suas luzes e sombras, escondidas, virtualidades que podem dar aos anjos "o que fazer".

Mas as imagens também repõem o problema apontado, duplamente. Primeiramente, ao se tornarem triviais e onipresentes, suprimem a proximidade do mundo, recriando-o aleatoriamente e sem sentido histórico e espacial, alienando-nos. Segundamente, ao se converterem no centro estruturante das interações sociais e os esquemas produtivos (consumo espetacularizado), tornam-se autônomas tecnicamente em relação ao autor-produtor, e sua razão alija-se.

Buscar possibilidades críticas a esse universo imagético reificado por meio de imagens incompletas é o objetivo de Ana Ottoni ("Cidades desertas, florestas queimando: assistindo 2020 de nossas poltronas"), ao discutir trabalhos próprios e de outros fotógrafos diante do isolamento sanitário (sem pessoas) e das ruínas do "antropoceno" (sem unidade). Agnaldo Geremias ("Vik Muniz: alquimista das imagens") se volta para a arte de Vik Muniz e a aparição do inusitado na lavra artística de materiais incomuns, pertencentes originalmente a nexos extra-artísticos. Nesse artista se reúnem as tendências de valorização mercantil da arte e o engajamento social tanto temático quanto pelo envolvimento direto de "pessoas do povo" na produção de obras. Pensar a criação de imagens, em especial a fotografia, "que escape das rotas calculadas [...] previstas nos programas dos aparelhos",

aproximando imagem e sonho, é a proposta do ensaio visual de Ângelo Guedes ("Presságios"). Suas imagens capturam algo além do previsto, do formalmente construído, que não poderiam nos ser apresentado em outro registro narrativo.

Henri Lefebvre diz, em "O Direito à Cidade", que a representação da "cidade ideal" então (anos 1960) deve ser buscada não na filosofia, mas sim na ficção científica. Seja a agonia da cidade tradicional, sejam as cidades colossais, o futuro da cidade não poderia mais ser antevisto na *lógica*, mas sim nas imagens de ficção científica. Desde o entusiasmo crítico possível nos rebeldes anos 1960 até hoje, a cidade imaginada é cada vez mais uma distopia cinematográfica, terra arrasada. *Sintomas* se estruturam para imaginar um futuro que já chegou, e sua forma não é mais inédita e tecnológica, como se pensava há pouco, mas desconfortavelmente familiar; o futuro tecnológico é essencialmente destrutivo, dispensa imaginação construtiva. Mas assim também pode ser o passado: bárbaro e reprimido.

Discutindo roteiro, desenhos e cinema, Raphael da Silva ("Contravozes: frestas de um processo criativo de desenho de paisagens urbanas distópicas") propõe remontar a cidade de Campinas, ou antes, elucidá-la, mediante seu passado escravocrata, tempo-espacialmente entranhado em sua forma urbana. Esse processo estético "a contrapelo" poderia liberar a imaginação para "mundos possíveis", que de outra forma estariam acorrentados ao automatismo da nova brutalidade a que estamos submetidos.

As casas projetadas e construídas por Peter Eisenman nos anos 1960 tencionavam promover também uma ruptura do automatismo perceptivo resultantes da normalização das estratégias das vanguardas históricas; o *receptor* se tornou o *espectador* que esse arquiteto procura "despossuir" pelo "esvaziamento da dimensão semântica" da arquitetura e do espaço. Bruno Mentone ("O desamparo do espectador nos projetos de Peter Eisenman da década de 1960") aproxima essa despossessão com o *desamparo*, conforme discutido por Vladimir Safatle, e, portanto, a uma - problemática - dimensão revolucionária que estaria contida nesse projeto neovanguardista.

Em chave oposta, o espaço da casa é discutido por Paula Daré ("A psicologia analítica e a habitação: interfaces entre a psique e a moradia") no campo de seus significados. Seu objetivo é um reencontro, uma aproximação entre o indivíduo e mundo que permita *identificação*. A casa seria o espaço que unificaria o pessoal e o cultural-coletivo e que permitiria uma reconciliação (*amparo*). Sem recorrer à Martin Heidegger, fonte segura das teorias arquitetônicas do lugar e do habitar que emergiram no segundo pós-guerra, a autora apresenta outro campo semântico: Carl Jung e a neurociência. Mesmo assim, suas conclusões se encaminham para o outro polo do debate arquitetônico sobre a autonomia estética que precedeu o "pós-modernismo" : o lugar e a *apartenenza* - por ela discutidos segundo outra tradição teórica.

Os dilemas da presença, em tempos de isolamento, são a base da reflexão sobre a retomada da programação de atividades educativas da Casa Niemeyer da UnB durante a pandemia. O artigo "Casa Niemeyer Digital: uma jovem coleção universitária de arte contemporânea nas redes sociais" (Avelar; Zaiden et Correia) constrói a história dessa instituição e a formação da coleção "Triangular" no contexto do Distrito Federal da última década. Discute o atual enfrentamento das dificuldades sanitárias por meio de diversas estratégias digitais que foram realizadas para permitir uma interação com o público na espacialidade virtual das redes. Os resultados apresentados indicam que houve uma participação alcançada por mecanismos informacionais que procuram novos significados e potencialidades além da simulação da presença do objeto artístico.

Essas reflexões aqui rapidamente dispostas em torno das provocações sugeridas na chamada são ampliadas pelo Dossiê GPM, parte fundamental de nossa revista desde seu início. É nessa seção que os membros do Grupo Museu/Patrimônio desdobram os seus temas de estudo e pesquisa direcionados ao tema da edição. A radicalidade da experiência ao mesmo tempo pessoal e global da pandemia da Covid-19 marca especialmente a discussão proposta, com olhares para a cidade, arte e museus. Esses artigos garantem uma continuidade de pontos de vista, metodologias de pesquisa e leque de preocupações que dá à revista uma especial dinâmica e continuidade, além das contribuições individuais dos participantes selecionados.

Resta saudar o resultado desse esforço coletivo, que se realizou para além das habituais sobrecargas de trabalho. Desta vez, um sentido de urgência e de coletividade emergiu desta aventura: pensar, produzir, avançar em tempos de medo e cuidado. Como temos visto nestes últimos meses, arte, cultura e pensamento de repente tornaram-se gêneros de primeira necessidade.

Desfrutem da leitura!

Luiz Recaman, verão, 2021

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Paredão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. Esquecer para lembrar. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p.17.